

banca 
 DE ARTE

catálogo #1
a cooperativa cultural

Banca de Arte

Projeto de geração de outras economias, formas de representação e circulação no campo da arte contemporânea, a Banca de Arte desponta como alternativa ao modelo das galerias de arte tradicionais, normalmente elitizado e pautado pela especulação sem limites sobre o objeto de arte. A Banca de Arte visa fomentar o acesso aos trabalhos de artistas contemporâneos por meio da produção de trabalhos em série, os chamados múltiplos, com tiragem limitada, comercializados a preços acessíveis e por meio de parcelamento.

Em nossos processos de comercialização há contato direto com artistas e curadores, o valor dos trabalhos é negociado coletivamente com seus autores, com base em custos, na circulação dos artistas, entre outros fatores colocados claramente. 60% do valor de venda vai para o artista, proponente ou coletivo, 30% para remuneração dos trabalhadores da A Cooperativa e 10% para um fundo comum para custear projetos culturais coletivos.

trabalhador
seja um colecionador

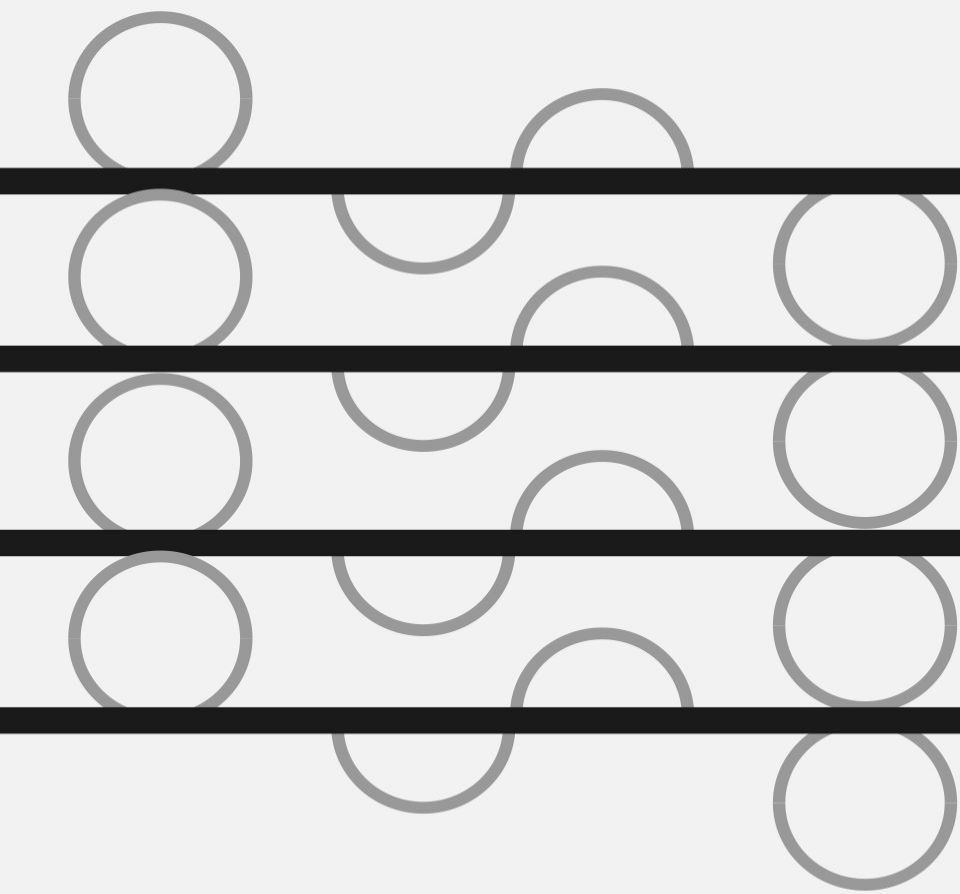
e
colabore
com o fomento
de outros mercados,
economias e sistemas
mais solidários
para o campo
da arte

seja um coleccionador trabalhador

Campanha para empoderar trabalhadores assalariados e autônomos em geral a colecionarem trabalhos de arte, hábito que historicamente tem ficado restrito à uma camada elitizada da população. A Cooperativa Cultural quer mudar esse cenário por meio do desenvolvimento regular de trabalhos com tiragem limitada, os chamados múltiplos, com preços mais acessíveis, e oferecendo o parcelamento como forma de fomentar outros mercados, outras economias e sistemas mais democráticos para o campo da arte. Nosso lema é: um trabalho de arte não precisa ser "nem mais barato que uma camiseta bacana, nem mais caro que uma boa geladeira!"

Se você se organiza para comprar outros objetos e produtos de seu interesse, por que não comprar um trabalho de arte?

Se você não quer mais comprar reproduções e pôsteres "dos grandes mestres da pintura" e deseja apoiar a produção de artistas contemporâneos, **você é um colecionador trabalhador!**



**pelo
coleccionismo
amador**



ana kemper

fortuna

série: te extraño, cariño
jato de tinta sobre papel fotográfico,
35 x 27,5 cm, 2022
série de 50

R\$340,00

35 cm



fortuna, 2022

Encontrei a fortuna na banca de dona Tânia, erva da feira nas vizinhanças de minha casa. Trouxe comigo encantada com o nome, imaginando um banho de ervas, prática que venho realizando para fins de auto-cuidado. Deixei o ramo da planta descansando na minha maca de atendimento, mas só pude preparar o banho uns 3 dias depois. Quando peguei a folha, me espantei com filamentos brancos, que imaginei mofo. Frustrada por ter perdido a fortuna (que má sorte seria desperdiçá-la), aproximei as folhas de meus olhos imprecisos e percebi que não eram fungos, mas raízes que as folhas jogavam pelas suas bordas. Numa mistura de espanto/estranhamento – me perguntei: sabe lá o que é pôr raízes pelas bordas?

E curiosa, entendi que ao contrário de desperdício eu havia aprendido algo muito novo com aquelas folhas. As plantas estão sempre ensinando, mestras que são. Algumas destas folhas, deitei num vaso de terra e elas cresceram de si um ramo novo de fortuna. Outras, deixei em uma bacia de ágata ao lado de minha mesa de trabalho e por meses, foram minhas companheiras de escrita durante o mestrado. Elas começaram a secar, mas a pôr brotos e mais brotos por suas bordas, me inspirando a pôr raízes pela borda, mesmo quando me via arrancada de mim, empacada na escrita/vida.

Meses desta convivência, fotografei as folhas de fortuna neste processo de ressecamento/brotação simultânea. Escrevi "fortuna", uma imagem em poema, em correspondência à fortuna da fortuna. Se multiplicar de si, mesmo em situações desfavoráveis. Se reinventar das bordas, refazer-se quase infinitamente: o corpo da folha ensinando o corpo da humana, um aprendizado interespécie.

“escuta corpo
busca folha
folha busca corpo,
escuta:
esquece o caule cortado
sabe lá como é
pôr raízes
pelas bordas?”

ana kemper

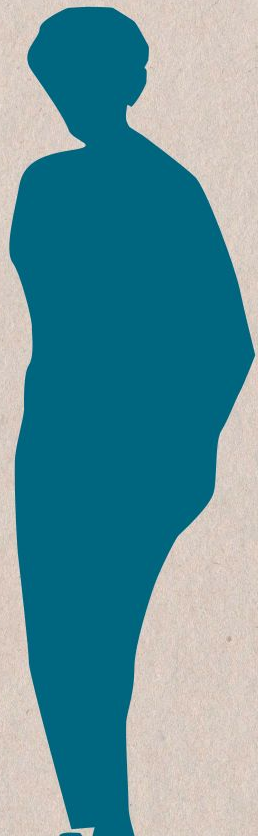


francisco mallmann
devolver a eles este grande susto
tecido de algodão, 200 x 16 cm, 2022
série de 25

R\$ 560,00

200 cm

DEVOLVER A ELES ESTE GRANDE SUSTO



devolver a eles este grande susto, 2022

Escrever é algo que Francisco Mallmann faz desde sempre, uma herança familiar, mas foi na sala de ensaios – falando em voz alta e performando a escrita – que ele se reconheceu como "pessoa que escrevia", como alguém que podia fazer isso profissionalmente. Na cena onde a palavra se espacializa pela oralidade, em papéis grandes colados à parede, em papéis menores jogados pelo chão, amassados entre as mãos, nos tecidos do figurino, na cenografia – nasce o poeta, dramaturgo e performer Francisco Mallmann. E na cena nascem também as bandeiras e faixas que ele vem construindo nos últimos anos, como a faixa de 10 metros que sai pela porta da pequena edificação que sustenta o coreto em direção ao jardim do Museu da República, como uma grande língua pra fora, encenando a careta mais clássica, sobre a qual se lê – Devolver a eles este grande susto. Feita em colaboração com A Cooperativa Cultural, essa intervenção dá origem pela primeira vez na trajetória do artista a um múltiplo, réplica da faixa original reduzida a 1/5.

izabela pucu



fotos: sandro rodrigues



laura lydia
Jardim Ordinário | Museu da República
Nanquim sobre papel, 2022
5 desenhos únicos de 13,5 x 9,7cm
série de 10

R\$350,00

13,5 cm



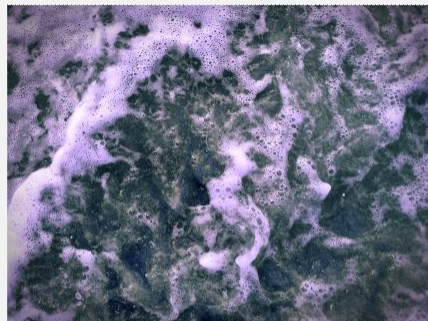
Jardim Ordinário | Museu da República, 2022

Série de desenhos em nanquim realizados a partir do mapeamento da discreta vegetação espontânea que ocorre nos interstícios do Jardim do Museu da República. Este múltiplo conta com uma tiragem de 10 séries de 5 desenhos das diferentes espécies encontradas.

Este projeto, de mapeamento da vegetação ordinária que ocorre de forma espontânea em áreas urbanas, teve início em 2010 em São Paulo, com o projeto *Ervas sp.*, que recebeu em 2015 o prêmio Funarte Mulheres nas Artes.

Neste múltiplo você pode receber aleatoriamente desenhos das seguintes espécies: *Amaranthus deflexus*, *Pilea microphylla*, *Phyllanthus niruri*, *Chamaesyce hirta*, *Chamaesyce prostrata*, *Portulaca oleracea*, *Oxalis corniculata*, *Oxalis corymbosa*, *Oldenlandia corymbosa*, *Melampodium paniculatum*, *Hypochaeris radicata*, *Eleusine indica*, *Aspilia pascalioides*, *Stemodia verticillata*, *Boerhavia coccinea*, *Brachiaria sp*, *Chaptalia integerrima*, *Galinsoga quadriradiata*, *Hypoxis decumbens*, *Psidium guajava* entre outras não identificadas.

laura lydia



luiz gustavo nostalgia
omi iyí - acalanto e maresia
conjunto de 8 fotografias 13 x 18 cm
jato de tinta sobre papel fotográfico
série de 25
R\$280,00

13 cm



omi iyó - acalanto e maresia, 2022

Omi em iorubá significa água, iyó significa salgada, mas não somente, também é fecundidade em movimento, vida manifestada, Acalanto. Para nós de onde partimos, Omi também é encontro. As águas agradecemos pelos deslocamentos que nos trazem até aqui: as camadas que envolvem caminhos; a fina lâmina que nos retornam aos nossos ancestrais. Nesse encontro de águas, Luiz Gustavo Nostalgia desenvolve esta série de fotografias no começo do 2022.

Disparando uma performance poética: um Acalanto, uma Maresia. A importância simbólica da água salgada é evocada. Um caminho cantado pelas ondas das memórias, mostrando um olhar de Nossa Senhora de Aparecida, chegando e abrindo caminhos pelo "Mar" e não o "Rio". Nesse percurso, navegar foi preciso - deixando pra lá a saudade, como uma carta flutuante, como um cálido pulsar.

Continuamente renovada por novas levas de indivíduos que chegavam e partiam para todas as direções. Oh! Leva eu, mãe d'água, quem não tem canoa cai n'água!

luiz gustavo nostalgia



mirela luz
**série A presença da ausência,
diptico "cadeiras #8"**
nanquim e estêncil de papel sobre
papel, 29,5x15,5cm, 2022
múltiplo único

R\$380,00

29,5 cm

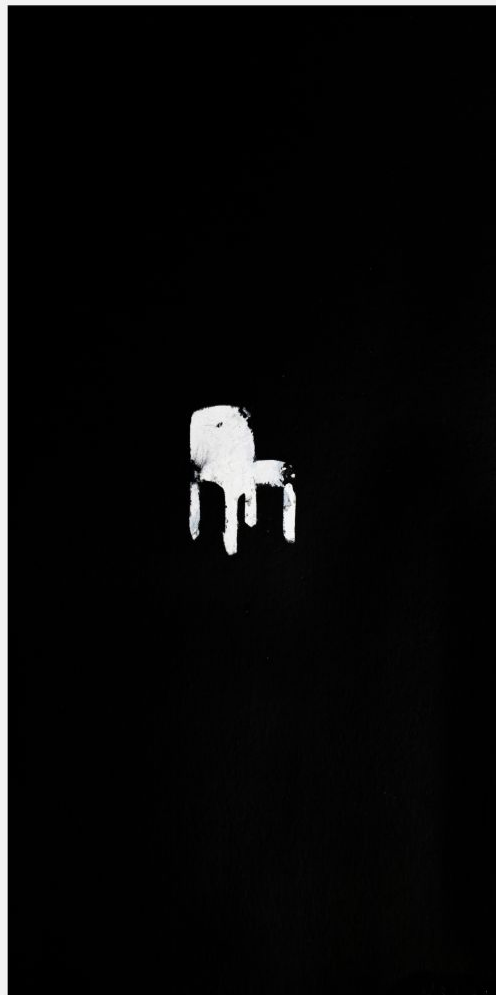


Série “**A presença da ausência**”,

A série começou a ser desenvolvida durante a pandemia em 2019. Com espaço de ateliê limitado, fui selecionando materiais como papéis e tintas disponíveis, além de imagens que pudessem funcionar como trabalho. A maioria dos papéis utilizados como suportes são reaproveitamentos de trabalhos antigos que já carregam consigo uma memória de trabalho anterior. Selecionei imagens de revistas e livros de design, arquitetura e decoração recortando objetos e mobiliários domésticos de modo a funcionarem como matrizes de estênceis, embora matrizes perdidas, únicas, já que, recortadas e coladas no papel, este recebe uma camada de nanquim, jet ou acrílica que, depois de seca, as matrizes são retiradas, geralmente se rasgam no processo, restando apenas o contorno da imagem.

A série das cadeiras foi desenvolvida em 2022 a partir de imagens recortadas diretamente do “Dictionnaire International Des Arts Appliqués et du Design”.

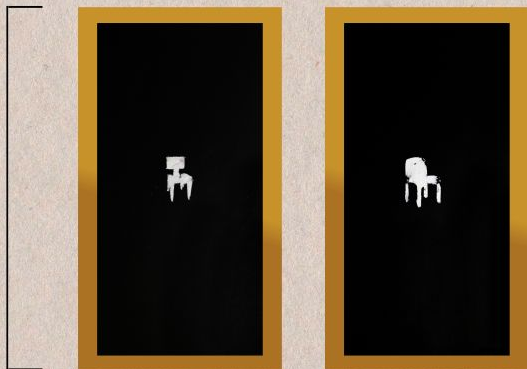
mirela luz



mirela luz
**série A presença da ausência,
diptico "cadeiras #9"**
nanquim e estêncil de papel sobre
papel, 29,5x15,5cm, 2022
múltiplo único

R\$380,00

29,5 cm



**série A presença da ausência,
diptico "cadeiras #9"**



mirela luz
**série A presença da ausência,
diptico "cadeiras #10"**
nanquim e estêncil de papel
sobre papel, 29,5x21cm,
2022
múltiplo único

R\$380,00

29,5 cm



**série A presença da ausência,
diptico "cadeiras #10"**



thiago haule

Aritana

serigrafia sobre impressão,
29,7 x 42 cm, 2022
série de 25

R\$ 400,00

29,7 cm



Aritana, da série "Nativos originais"

A série "Nativos Originais" inicia-se em 2012 com obras da região portuária para os grandes eventos e onde começo a produzir figuras indígenas fazendo alusão às desapropriações que ocorriam no atual momento com os primeiros nativos a serem desapropriados.

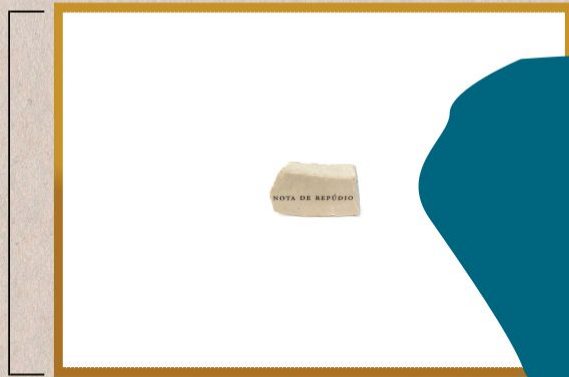
A serigrafia "Aritana" apresentada é uma releitura do painel que pintei em 2020 na avenida Rodrigues Alves em homenagem ao Cacique Aritana Yawalapiti falecido no mesmo ano. Todo território de "Pindorama" hoje no Brasil é terra indígena.

thiago haule



thiago venturotti
sem título
jato de tinta sobre papel
fotográfico, 2022
série de 50
R\$150,00

29,7 cm



sem título, 2022

Trabalho feito em resposta às questões sociais e políticas que atravessam o país, como relatou o artista; que resta de uma espécie de sublimação que repetimos muitas vezes na vida social, em diferentes contextos, para nos mantermos nos limites dos marcos de civilidade, para sobrevivermos a uma situação desafiadora, para "transformar a raiva em outra coisa". "Era para ser um soco e saiu um cartaz". Mix de poesia visual e escrita vernacular, o trabalho contrapõe a dimensão reduzida da nota, informação complementar, da nota de repúdio, ato oficioso sem grande impacto, à força latente na pedra, sua fisicalidade, sua massa, seu potencial ofensivo. "A primeira pedra que nos tacaram foi a portuguesa", Thiago escreveu, se apropriando desse peso simbólico, histórico da pedra portuguesa, elemento central do trabalho, estrutural e conceitualmente. E nesse sentido o trabalho de Thiago é também uma resposta à violência do gesto colonial, é um contra-gesto, como disse o artista, uma pedra-imagem que não quebra vidraça, mas transpõe muros.

izabela pucu



vinicius pastor
adinkra, da série
Jogo da memória Ancestral, 2022
linoleogravura sobre papel kraft
24 cartas 11,9 x 6,7 cm cada
Caixa 12,5 x 8 cm

série de 100

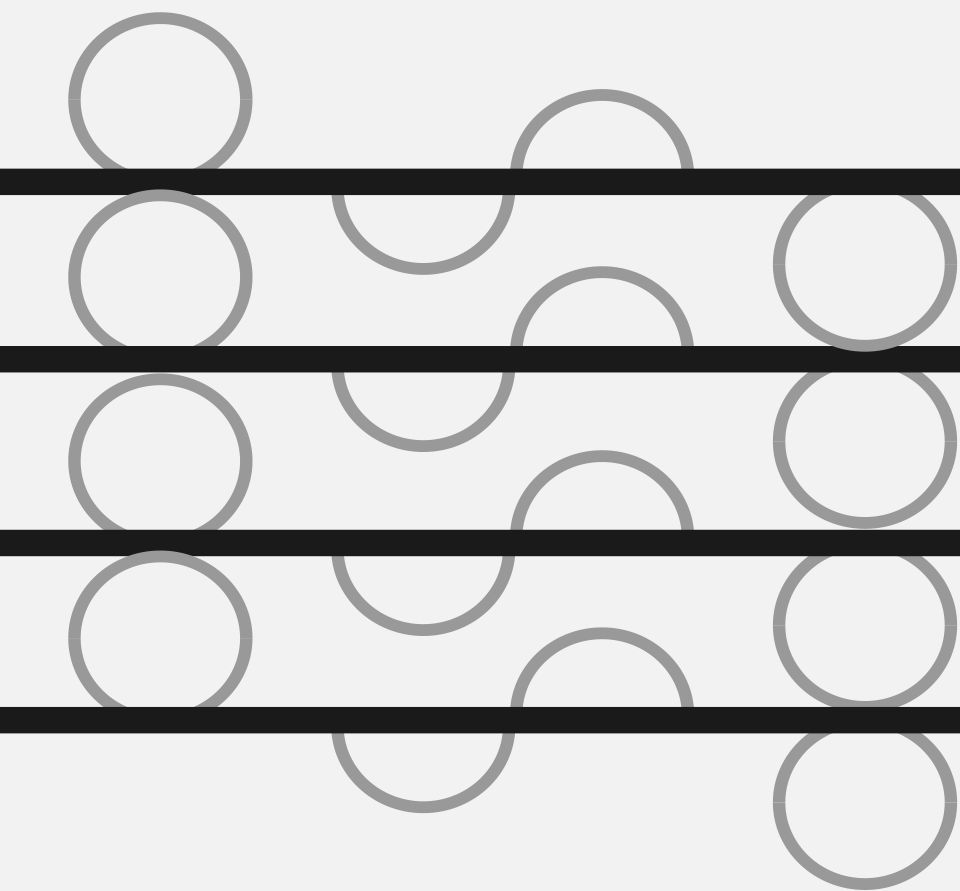
R\$380,00



adinkra, 2022

Adinkra são símbolos que guardam a memória e a sabedoria dos povos africanos. Essa sabedoria sobrevive há séculos de apagamento, por ter sido aplicada em diferentes suportes, como na construção civil, na estamparia de tecidos e em diversas obras de arte da diáspora. Durante a residência da A Cooperativa Cultural no Museu da República, Vinicius Pastor resgatou esse conhecimento aprofundando-se nos estudos desses símbolos, e através dos diálogos na curadoria cotidiana criou a série de jogo da memória ancestral, um dispositivo pedagógico e artístico onde apresenta 12 adinkra gravados em 24 cartas de papel kraft, e seus significados em um encarte que acompanha o jogo.

lara lima



nossos artistas



ana kemper

Mãe, médica de família, acupunturista, fitoterapeuta e artista transdisciplinar. Pesquisa as relações entre curiosidade, cuidado e cura, em correspondência com suas experiências com as plantas, tanto no âmbito médico, quanto no espiritual, no estético e no político. Mestre em artes da cena pela ECO-UFRJ, sua produção artística transita pela escrita, fotografia, vídeo e performance, tendo participado de exposições individuais e coletivas, além de algumas publicações e festivais de performance.



francisco mallmann

Atua entre a escrita, a performance, as artes visuais e a teoria. É Mestre em Filosofia e Doutorando em Artes da Cena. Trabalha de modo transdisciplinar e colabora com diversos grupos e coletivos artísticos – entre os quais a Casa Selvática, onde é artista residente, e a Membrana, grupa de escritoras. Seu primeiro livro de poesia, “haverá festa com o que restar” (2018), venceu o 3º lugar na categoria poesia do Prêmio da Biblioteca Nacional e foi finalista dos Prêmios Rio de Literatura e Mix Literário. Publicou, ainda, “língua pele áspera” (2019), “américa” (2020) e “tudo o que leva consigo um nome”(2021). Atualmente, seus trabalhos, pesquisas e interesses voltam-se para as escritas críticas-dramatúrgicas-performativas, as estéticas decoloniais, a escuridão e o invisível.



laura lydia

Artista Visual e educadora graduada pela Unicamp, desenvolve trabalhos que trafegam por diversas linguagens, elegendo a relação entre cidade e natureza como motivo principal de investigação. Seu trabalho se dá na relação afetiva e corporal com a paisagem ao seu redor e a materialidade das coisas ordinárias, transformando seus gestos mínimos e persistentes em desenhos performativos. Realizou as individuais "Sem Fronteiras", no Memorial a GV. (RJ), 2019, e "(R)existências", na Galeria Art Lab (SP), 2016. Integrou as coletivas "Casa Comum", no Museu da República, este ano, "Da Linha, o Fio", no BNDES (RJ); "Jardinalidades", no Sesc D. Pedro II (SP), ambas em 2019; "[O Desenho que Está] Insistente Novamente", no Centro Cultural Ordováz Filho (Caxias do Sul, RS), 2017, e "Às vezes é melhor fazer uma sopa", no SARACURA (RJ), 2016. Integrou o Programa de Exposições MARP (Ribeirão Preto, SP) e foi artista residente no Festival SESC de Inverno em Petrópolis, em 2019. Participou de diversos salões e foi premiada no SAC Piracicaba, em 2017 e 2019. Em 2017 participou do encontro de antropologia ReACT, USP, com exposição e oficina e realiza trabalhos para o SESC vinculados ao projeto "Ervas sp.", que recebeu em 2014 o prêmio Funarte Mulheres nas Artes.



luiz gustavo nostalgia

Artista visual, Chefe de cozinha e pesquisador do Afrofuturismo, arte afrodiaspórica e sistemas de representação afrocentrados. Nascido em São Paulo, estudou artes plásticas e fotografia na Espanha. Hoje seu trabalho tem enfoque na colagem analógica e a expansão da fotografia, através de intervenções de pintura, assemblage, upcycling, performance e manifestações digitais. levantando a procura de afroubanidades e cosmologias não ocidentais.



mirela luz

Artista, produtora cultural e professora em cursos livres de pintura e história da arte. Doutoranda em Linguagens Visuais pelo PPGAV/ UFRJ e mestre pelo mesmo Programa. Professora substituta do curso de Pintura da EBA/UFRJ 2018/2019. Co-roteirista e coordenadora geral do videodocumentário “Imaginário Periférico o que é, quanto custa, onde pode ser encontrado” (2012), participou de diversas exposições coletivas como “casa comum” (2022); “Transitividade”, “Reset 21” (2021); “Orientações” (2019); “Pintura do tipo brasileira”(2016). Individual “Pintura de borda” (2022), Museu da República.



thiago haule

Fotógrafo e artista urbano. Começou na fotografia, no grafite, na pixação mas se apaixonou pelo stêncil de grandes e médios formatos, sua principal linguagem de trabalho, com a qual ocupa ruas com seus murais e também realiza trabalhos sobre papel e tela, envolvendo outras linguagens. Participou de exposições no Brasil e nos EUA; Nascido e criado no Morro do Pinto, é fundador do Coletivo MP, grupo que atua na Zona Portuária. Em sua produção constrói narrativas a partir da inserção de imagens e interferências no seu território, articulando referências e imagens do Pan Africanismo e das lutas dos povos indígenas para tratar das desigualdades do nosso tempo.



thiago venturotti

Artista gráfico, designer e comunicador popular. Nascido e criado no subúrbio, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Utiliza o Lambe-Lambe como suporte pro seu diálogo com a cidade. Com mais de 20 anos de experiência no mercado de design, desde 2007 também atua na área da consultoria ambiental em projetos de educação ambiental crítica. Neles, desenvolve estratégias e materias de comunicação que amparem o processo pedagógico, visando a autonomia e a organização comunitária.



vinicius pastor

Artista e professor. Nascido no Rio de Janeiro, no morro do Borel. Passou por diversos lugares como conjunto habitacionais, cabeças de porco e as mini comunidades do Jardim do Saco, em Vila Kosmos - bairro do subúrbio onde vive atualmente. Coursou Gravura na Escola de Belas Artes da UFRJ e na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Sua pesquisa gira em torno de temas como Identidade Afro-Brasileira, Representatividade Negra e o potencial artístico da construção civil, utilizando de linguagens como fotografia, performance, escultura, instalação, entre outras.

os múltiplos não são emoldurados, para encomendar com moldura entre em contato para saber os valores e prazos de produção

os valores no catálogo são equivalentes ao pagamento à vista no pix, consulte o valor da entrega por email

cartão de crédito

em até 12x com acrescimo de 4,99% de juros do cartão ao mês

1º lote pedidos até 15/12 às 18h
envio 16/12/22

encomendas por email
contato@acooperativacultural.com

pagamento e entrega

A cooperativa cultural

curadoria cotidiana . agência coletiva . fomento mútuo

A Cooperativa Cultural é uma organização fundada e coordenada por Izabela Pucu e Lara Lima em parceria com artistas, pesquisadores, educadores e produtores culturais com formações e experiências diversas. Um movimento independente que se desdobra em diferentes situações, formatos e temporalidades, em correspondência com outras pessoas, grupos, territórios, espaços e instituições.

Nossas principais estratégias são o agenciamento coletivo, a curadoria cotidiana e o fomento mútuo, processos de trabalho coletivos que quebram as hierarquias e os protocolos estabelecidos de forma hegemônica para o trabalho no campo da arte. Trabalhamos por meio do compartilhamento de recursos, da coletivização de demandas e soluções, a partir de modos de criação, produção, circulação e partilha colaborativos e solidários pautados pela força emancipadora da arte.

Acreditamos que a atividade artística como trabalho é capaz de forjar a partir de si mercados, economias e sistemas mais democráticos. A partir desses princípios éticos e desses modos de produção propomos residências, produzimos exposições coletivas e individuais, realizamos feiras, editamos múltiplos e livros, criamos situações. Estamos em formação permanente e queremos a abertura do campo da arte a outros públicos, por isso organizamos seminários, cursos, debates, publicamos uma revista digital e convivemos.

Misturamos saberes e práticas vindos de múltiplos campos na construção de um sentido ampliado para a arte contemporânea, na sua multiplicidade de manifestações, como uma comunidade entre diferentes.

A Cooperativa Cultural, organização em processo, movimento instituinte em permanente recriação.

a cooperativa cultural

coordenação geral e curadoria

izabela pucu

coordenação de comunicação e
curadoria adjunta

lara lima

design

lara lima

thiago venturotti

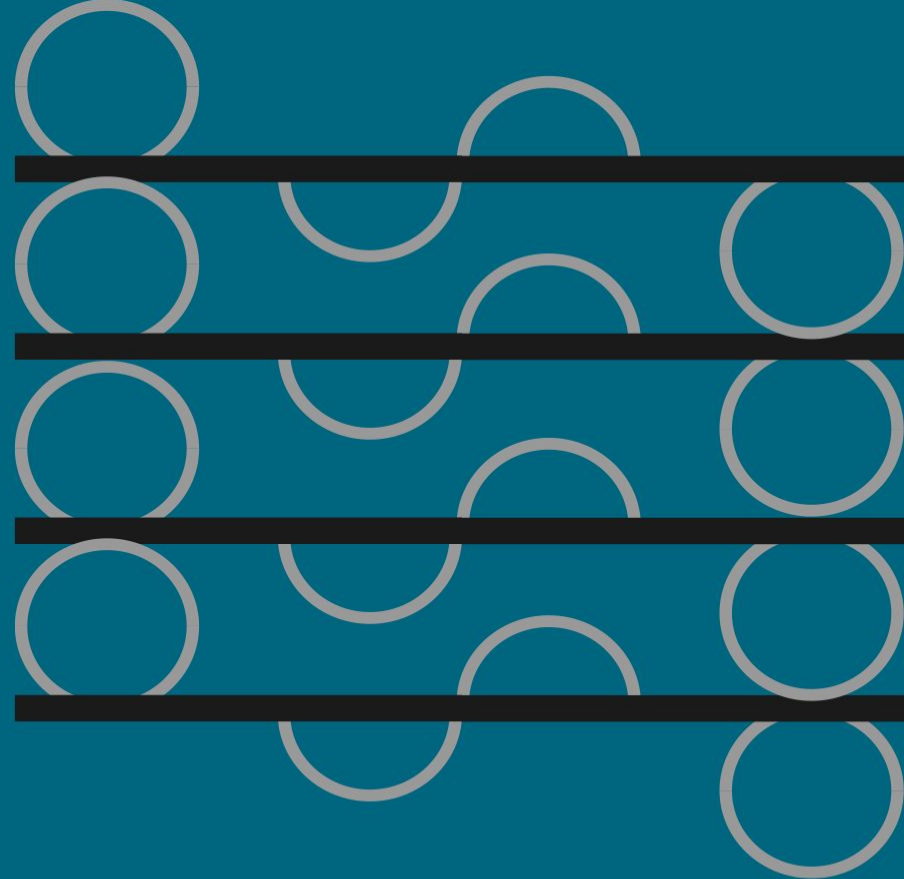
trabalhador
seja um colecionador

e
colabore
com o fomento
de outros mercados,
economias e sistemas
mais solidários
para o campo
da arte

realização



COOPERATIVA
CULTURAL



www.acooperativacultural.com